

IRMÃS BRONTË – ESCRITORAS NO SÉCULO XIX

Kelli Ribeiro

RESUMO: No século XIX acreditava-se que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens no mundo da literatura. Assim, poucas são as escritoras que conseguiram se inserir nesse mundo. As irmãs Brontë são exemplo disso, principalmente pelo fato de que suas obras não eram muito bem aceitas pela sociedade na época, por serem de um gênero não muito fácil na literatura. Emily, Anne e Charlotte Brontë são extremamente conhecidas por terem escrito sobre temas complicados e preconceituosos para a época. Este artigo contém um raro estudo, em Língua Portuguesa, sobre as obras e a vida dessas autoras, o que possibilita ao público-leitor o acesso a um apanhado de referências naquele idioma e sobre a época.

Palavras-Chave: Mulher; literatura feminina; Cânone; Ocidente; Brontë.

INTRODUÇÃO

No século XIX a literatura feminina não era bem aceita, pois acreditava-se que as mulheres eram inferiores aos homens nesse ramo. Tanto que as obras das irmãs Brontë, que serão abordadas nesse artigo, receberam diversas críticas negativas por tratarem de temas polêmicos, como traição, vingança, ódio, paixões proibidas, violência, entre vários outros. Esse motivo levou-as a publicar seus primeiros romances por trás de pseudônimos masculinos, assim ficando conhecidas como os irmãos Bell (Ellis, Currer e Acton).

No artigo IRMÃS BRONTË – ESCRITORAS NO SÉCULO XIX, será tratada a vida das três irmãs, como foi sua inserção na literatura e suas principais obras. Além disso, serão mencionadas as principais características das obras da literatura feminina indo além das publicações das irmãs Brontë. Por fim será abordada a importância da literatura feminina e da literatura clássica ocidental no geral.

AS IRMÃS BRONTË

As irmãs Brontë surgiram no cenário literário na era vitoriana na Inglaterra. Filhas do pastor Patrick Brontë (1777-1861) estudaram em escolas para meninas, trabalharam como governantas e professoras. Entretanto, a literatura era o objetivo principal em suas vidas, tendo elas lido desde a infância obras de Shakespeare, Lord Byron, Goldsmith, John Bunyan entre outros.

O início da literatura na vida das irmãs Brontë surgiu definitivamente com seu próprio pai, que publicou livros de poesia de prosa por conta própria, no intuito de se tornar escritor. Seu único filho homem, Patrick Branwell estava propenso a seguir o sonho do pai, mas morreu em 1847 em total estado de decadência, após entregar-se à bebida. Após isso, as filhas Brontë seguiram o sonho do pai conseguindo se inserir e se destacar no cenário literário.

O ambiente em que viviam era desprovido de conforto segundo Charlotte Brontë escrevera: "Dependíamos totalmente de nós mesmos e uns dos outros, dos livros e do estudo para encontrar diversões e ocupações na vida. O estímulo mais elevado, bem como o prazer mais vivo, que conhecemos da infância em diante residia em nossos primeiros esforços na composição literária."

CHARLOTTE BRONTË

Charlotte Brontë foi a mais velha das três irmãs escritoras (no total eram em 6 irmãos, incluindo Patrick, mas Maria e Elizabeth, morreram de tuberculose). Charlotte nasceu em 21 de abril, de 1816 em Thornton, West Yorkshire, Reino Unido, e faleceu em 31 de março de 1855. É conhecida principalmente pelo romance Jane Eyre, seu livro de estreia, que inclusive foi adaptado ao cinema diversas vezes. O livro conta a história da menina órfã Jane Eyre, que morava com a tia e os primos, chegando a ser maltratada por estes. Após um tempo ela é enviada pela tia a um colégio feminino onde cresce e se torna professora, porém acaba trabalhando como governanta para o senhor Rochester, homem brusco por quem Jane se apaixona e vive um romance. “Quebrando paradigmas e criticando a realidade vitoriana da época, Jane Eyre desafia o destino imposto às mulheres e as posições sociais que elas deveriam ocupar” (Blog Sem Serifa, 2014). O livro nos leva a acompanhar, de forma emocionante, a história de Jane, da infância à vida adulta, quando ela precisa de toda sua força para encarar os desafios e provações.

Charlotte nos apresenta a história de uma maneira lenta, descrevendo com muito cuidado cada personagem e a ambientação do romance. “Mas não tenha dúvida: de repente, quando menos esperamos, descobrimos que já não somos nós mesmos, que já não estamos no século XXI, que agora de fato fazemos parte daquele mundo” (SEIXAS, Heloisa 2011). Através da leitura desse livro, podemos perceber que Charlotte se baseou em sua própria vida para escrevê-lo. Nota-se isso na maneira como ela descreve a infância sofrida de Jane.

Jane Eyre foi publicado em 1847 sob o pseudônimo masculino Currer Bell e foi um enorme sucesso, apesar da polêmica que causou pelo tema abordado; violência, tragédia, herói atormentado, privações domésticas. O livro recebeu várias críticas sendo chamado também de uma composição fundamentalmente anticristã. “Irritar a Igreja não é prova da qualidade de um livro, mas é certamente um bom começo.” (Blog Sem Serifa, 2014). Apesar de abranger um tema comum para a era Vitoriana (mocinha pobre com história sofrida), Charlotte destaca Jane Eyre com uma escrita profunda e sentimentos feministas, além de tratar de questões religiosas, mais um motivo pelo qual sua obra recebeu críticas.

“A primeira coisa que me chamou atenção na obra é que Charlotte Brontë escreve muito bem. Jane Eyre, contado em primeira pessoa pela heroína, apresenta algumas das descrições – de paisagens, sentimentos e pessoas – mais belas que já li, para não mencionar os diálogos fascinantes, especialmente entre Jane e o Sr. Rochester, que são tão bons que a maioria das adaptações para TV ou cinema (as melhores, pelo menos) os mantêm exatamente como aparecem no texto. Mas é uma escrita que exige tempo e um pouco de esforço: Brontë recheia o livro de referências, que vão da Bíblia até Shakespeare e Walter Scott.” (Blog Sem Serifa, 2014).

EMILY BRONTË

Charlotte é um grande destaque da Literatura Inglesa do século XIX e apesar do sucesso de seu livro Jane Eyre, sua irmã Emily Brontë é até hoje a mais conhecida das irmãs. Nascida em 30 de julho de 1818 e educada juntamente com as irmãs em uma escola para meninas, se tornou professora e governanta, mas sempre buscou seu lugar na literatura se dedicando à escrita de poemas de prosa. Seu primeiro e único livro, O Morro dos Ventos Uivantes, foi publicado em 1847, um ano antes de sua morte. O livro tornou-se um dos mais importantes clássicos mundiais. Apesar de escrito no século XIX, o romance aborda temas atuais e possui quatro versões adaptadas ao cinema, sendo a mais recente em 2011. A obra apresenta um ambiente sombrio e tempestuoso e nos traz uma história sobre amor não

correspondido, ódio iminente, vingança. Temas esses que não foram bem vistos pela sociedade da época e que ainda hoje sofrem um certo preconceito.

“Em 1847, quando O Morro dos Ventos Uivantes foi publicado, ainda vigorava a convenção segundo a qual os romances deviam servir para a formação e edificação moral dos leitores. Assim, a obra de Emily Brontë (que publicou sob o pseudônimo de Ellis Bell) foi recebida com certa desconfiança, pois ainda que muitos percebessem a força que emanava dessas páginas, a história parecia desenrolar-se em um incômodo universo desprovido de princípios morais, em que a linha entre o bem e o mal difusa e as motivações dos personagens parecem, a um só tempo, compreensíveis e atrozes” (<http://www.lpm.com.br/>).

A obra nos apresenta de forma brilhante a história de amor e ódio entre Catherine Earnshaw e Heathcliff, que cresceram juntos, após o pai de Cathy encontrar Heathcliff na rua e levá-lo para casa para criar como seu filho. A chegada do menino causa raiva e inveja no irmão de Cathy, Hindley, que após a morte de seu pai volta para casa com sua esposa e começa a tratar Heathcliff como escravo, causando a revolta de sua irmã que é então apaixonada pelo rapaz. Depois de alguns anos vivendo um romance tórrido, Catherine é obrigada a ficar na casa de seus vizinhos, os Linton, fato que faz com que Edgar Linton se apaixone por Cathy e case-se com ela. Sua irmã, Isabella, por sua vez se apaixona por Heathcliff que por vingança de Catherine se casa com Isabella demonstrando todo seu ódio por ela. Nesse enredo a trama se desenvolve nos levando a conhecer intimamente cada personagem e seus sentimentos mais profundos. Um romance que nos prende do início ao fim e nos transmite emoções nunca antes imaginadas.

Ainda nos dias atuais o livro de Emily é visto de maneira complexa e é conhecido mundialmente como um clássico canônico. Além das adaptações para o cinema, o romance foi adaptado também em versão musical através da canção de Kate Bush, Wuthering Heights (nome do livro na língua original).

ANNE BRONTË

Além das duas irmãs acima, temos também Anne Brontë que não é de forma alguma menos importante no mundo literário clássico ocidental. Anne nasceu em 1820 e assim como as irmãs seguiu a carreira de professora e trabalhou também como governanta, profissão essa que foi retratada em seus romances. Anne foi autora de dois romances, sendo o principal Agnes Grey, no qual ela retrata a vida da jovem Agnes que em busca de sua independência sai de casa para trabalhar como governanta.

“Esse retrato sem grande condescendência, em que os piores traços dos membros da família são expostos a uma luz bastante crua, foi um dos responsáveis tanto por uma boa, e má, recepção da obra – enquanto alguns críticos louvaram o realismo utilizado na composição dos personagens, outros consideraram a exposição uma quebra de confiança na relação empregador-empregada” (SCHWUANTES, Cíntia - Agnes Grey, Um Romance de Formação Feminina, 2014).

Apesar de ser uma obra incrivelmente bem escrita, o romance de Anne não alcançou tanto prestígio quanto de suas irmãs, Charlotte e Emily, devido ao fato de retratar com muita franqueza as dificuldades de uma governanta a lidar com pupilos (palavra usada na época para descrever as crianças das quais cuidava) desinteressados e que não a permitiam ter autoridade. Agnes Grey é conhecido pelo seu realismo. Ainda hoje não é um romance muito lido, mas nem por isso deixa de ser uma grande obra digna de ser lida mais de uma vez. “Se considerarmos que apenas no século XXI teremos romances de formação femininos em que a mãe da protagonista é efetivamente sua mentora, isso nos dá a medida do quanto

Agnes Grey foi inovador” (SCHWUANTES, Cíntia - Agnes Grey, Um Romance de Formação Feminina, 2014). O romance foi publicado por autorização de Charlotte Brontë após a morte de Anne e mesmo dispondo de uma qualidade literária muito grande tem sido injustamente negligenciada.

As três obras relatadas acima nos levam a conhecer um mundo distante (pela época em que foram escritos) e ao mesmo tempo tão próximos de nossa atualidade. Assuntos polêmicos, histórias de amor e ódio até hoje geram algum conflito quando não são bem interpretados. A importância desses clássicos para um conhecimento abrangente de nossa parte é que abordam temas completamente atuais e interessantes apesar de serem de outra época. Ler não somente as irmãs Brontë, mas qualquer autora da época em questão e, podemos incluir aqui Jane Austen com seus romances envolventes conhecidos mundialmente até os dias de hoje.

Jane Austen e Charlotte Brontë são citadas como autoras consideradas canônicas no livro O Cânone Ocidental de Harold Bloom. O livro lista quase 900 autores canônicos, segundo Bloom.

Bloom (2001, p. 14) defende que “um dos sinais de originalidade que pode conquistar status canônico para uma obra literária é aquela estranheza que jamais assimilamos inteiramente, ou que se torna um tal fato que nos deixa cegos para suas idiossincrasias”. Nesse sentido, podemos dizer que Brontë e Austen foram muito bem citadas, posto que suas obras são indiscutivelmente originais e não nos apresentam somente estranheza na leitura, mas podemos ousar dizer audácia.

Os romances femininos tanto das irmãs Brontë quanto de Jane Austen nos apresentam personagens incrivelmente amáveis e por que não dizer também, odiáveis assim como o anti-herói Heathcliff de O Morro dos Ventos Uivantes. Através dessas histórias adquirimos um conhecimento enorme da vida dessas mulheres no século XIX e de quão importante foi a inserção da mulher na literatura.

Deixar de lado os clichês apresentados nos romances atuais e embarcar nessas histórias profundas retratadas por essas mulheres audaciosas e excelentes escritoras, não só é uma obrigação dos amantes dos clássicos, mas também uma forma maravilhosa de se envolver com um mundo totalmente diferente.

No livro Por Que Ler Os Clássicos (2000), Ítalo Calvino diz que “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

Com isso chegamos ao ponto em que, uma vez que as obras das irmãs Brontë se encaixam nesse conceito de Calvino, pois de certa forma são leituras que se tornam inesquecíveis a partir do momento em que conhecemos seu conteúdo, esses romances se tornam essenciais para abranger o nosso conhecimento da era vitoriana e do romantismo.

Os jovens hoje em dia estão propensos a se prender a histórias passageiras e de fácil adaptação do que à clássicos com essa complexidade com que são apresentados. Por esse motivo as obras das irmãs Brontë são pouco conhecidas pelos jovens da atualidade. Em uma pesquisa realizada em uma rede social, 70% das pessoas questionadas disseram gostar da literatura clássica, porém somente 15% disseram conhecer as irmãs Brontë,

apesar de 62% afirmarem que leram O Morro dos Ventos Uivantes e uma porcentagem menor afirmou conhecer as outras obras. Com essa pesquisa pudemos observar que, as obras são conhecidas, porém não se é mostrado interesse em conhecer a vida de seus autores, ou no caso, autoras. Assim o foco desse artigo foi apresentar um pouco dessas irmãs que através de suas obras foram capazes de eternizar sentimentos extensos que nos fazem refletir sobre o passado e sobre a atualidade de maneira que nenhuma outra obra consegue.

REFERÊNCIAS

<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/>

<https://leiturasbronteanas.wordpress.com/>

SEIXAS, Heloisa <http://heloisaseixas.com.br/textos-diversos/charlotte-bronte-uma-heroinatragica/>

BLOOM, Harold. O Cânone Ocidental (2001)

CALVINO, Ítalo. Por que Ler Os Clássicos (2000)

SCHWANTES, Cíntia. Agnes Grey, Um Romance de Formação Feminina (2014)